



CUIDAR BEM DA SAÚDE DE CADA UM

FAZ BEM PARA TODOS.
FAZ BEM PARA O BRASIL.

ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS
Conteúdo para Profissionais de Saúde/Trabalhadores do SUS





A **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)**, instituída pelo Ministério da Saúde, por meio da **Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011**, garante às mulheres transexuais, às travestis e aos homens trans o direito à saúde integral, humanizada e de qualidade no Sistema Único de Saúde (SUS), tanto na rede de atenção básica como nos serviços especializados.

A ampliação do acesso a essa população aos serviços de saúde do SUS passa pelo respeito ao nome social e pelo enfrentamento à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

IDENTIDADE DE GÊNERO

Expressão de uma identidade construída a partir de como a pessoa se reconhece e/ou se apresenta, que pode corresponder ou não ao seu corpo biológico.

Nota: I) A identidade de gênero, em suas diferentes expressões, pode ou não envolver modificação da aparência e/ou do corpo. II) A Política Nacional de Saúde Integral LGBT reconhece "identidade de gênero e orientação sexual como determinantes sociais de saúde devido à discriminação e ao preconceito que podem vulnerabilizar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais".

ORIENTAÇÃO SEXUAL

É a capacidade de ter, sentir ou desenvolver atração e/ou relação emocional, afetiva ou sexual por outra(s) pessoa(s). A orientação sexual pode ser:

Heterossexual: pessoa que sente atração e/ou se relaciona com pessoas do sexo oposto.

Homossexual: pessoa que sente atração e/ou se relaciona com pessoas do mesmo sexo. Mulheres homossexuais são chamadas de lésbicas. Homens homossexuais são chamados de gays.

Bissexual: pessoa que sente atração e/ou se relaciona com pessoas de ambos os sexos.

TRANSEXUAIS

É O TERMO UTILIZADO PARA DESIGNAR MULHERES TRANSEXUAIS E HOMENS TRANSEXUAIS.

Mulheres transexuais: são mulheres que não se identificam com seus genitais biológicos masculinos, nem com suas atribuições socioculturais e, em alguns casos, podem, através de modificações corporais (hormonioterapia e/ou cirurgia de redesignação sexual), exercer sua identidade de gênero feminina de acordo com seu bem-estar biopsicossocial. Identificam-se como mulheres (identidade de gênero) e podem ser heterossexuais, homossexuais e bissexuais (orientação sexual).

Homens trans: são homens que não se identificam com seus genitais biológicos femininos, nem com suas atribuições socioculturais e, em alguns casos podem,

através de modificações corporais (hormonioterapia e/ou cirurgia de redesignação sexual), exercer sua identidade de gênero masculina de acordo com seu bem-estar biopsicossocial. Identificam-se como homens (identidade de gênero) e podem ser heterossexuais, homossexuais e bissexuais (orientação sexual).

TRAVESTI

A travesti se relaciona com o mundo no gênero feminino, no que diz respeito às aparências e formas assumidas por meio do uso de hormônios feminilizantes e/ou aplicações de silicone, tendo como característica marcante a mistura das características femininas e masculinas em um mesmo corpo. Identificam-se como travestis e reivindicam a legitimidade de sua identidade para além dos parâmetros binários do masculino ou do feminino.

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

A identidade de gênero não deve ser confundida com orientação sexual. Enquanto identidade de gênero se refere a como a pessoa se identifica (masculino e/ou feminino), a orientação sexual está ligada a como a pessoa se relaciona sexual e afetivamente.

Mulheres transexuais e homens trans podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

Profissional de Saúde, a identidade de gênero e a orientação sexual são autodeclaradas. Na dúvida, pergunte como ela ou ele se vê e se relaciona com o mundo.

DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO X ACESSO À SAÚDE

As travestis, as mulheres transexuais, e os homens trans são alvos de brincadeiras de mau gosto e maus-tratos, frequentemente hostilizados na família, na escola e nos espaços públicos. Casos de violência física e psicológica, motivadas por preconceito e violações de direitos, são acontecimentos comuns nas suas vidas.

A pouca experiência dos serviços de saúde em relação ao tema da saúde trans constitui uma barreira aos cuidados em saúde desta população.

É preciso dar importância às trajetórias de vida dessas pessoas, que passam por intenso sofrimento, depressão, processos de automutilação e até tentativas de suicídio que, na maioria das vezes, estão relacionadas aos diferentes tipos de violência e privações a que foram submetidos(as) pela sociedade ao longo de suas vidas, além da dificuldade de acesso ao Processo Transexualizador.

A **transfobia** representa a intolerância e todo tipo de preconceito em relação às travestis, às mulheres transexuais e aos homens trans.

NOME SOCIAL

O **nome social** é aquele pelo qual as travestis, as mulheres transexuais e os homens trans preferem ser chamados(as), cotidianamente, refletindo sua identidade de gênero, em contraposição aos nomes de registro civil determinados no nascimento, com os quais não se identificam.

A identificação pelo nome social é um direito garantido no SUS desde 2009 pela Carta de Direitos dos Usuários do SUS (Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009). Por isso, independente do registro civil ou de decisão judicial, é direito do(a) usuário(a) do SUS ser identificado(a) e atendido(a) nas unidades de saúde pelo nome de sua preferência.



Além disso, desde 2012, o Sistema de Cadastramento de Usuários do SUS permite a impressão do Cartão SUS somente com o nome social do(a) usuário(a).

O respeito ao nome social pelos trabalhadores da saúde, além de garantir um direito ao cidadão, é fundamental para ampliar o acesso das travestis, das mulheres transexuais e dos homens trans aos serviços de saúde, evitando que o nome seja motivo de constrangimento e uma barreira de acesso aos serviços de saúde.



Profissional de saúde, respeite o nome social impresso no Cartão SUS e, na dúvida, pergunte como ela (para travestis e mulheres transexuais) ou ele (para homens trans) gostaria de ser chamado(a).



ATENDENDO ÀS TRAVESTIS, MULHERES TRANSEXUAIS E HOMENS TRANS

Muitos dos problemas de saúde e de acesso a cuidados apresentados por travestis, mulheres transexuais e homens trans ainda derivam do preconceito e da discriminação de que são vítimas. Portanto, é fundamental lembrar:

- As práticas de cuidado devem partir do reconhecimento do direito à orientação sexual e à identidade de gênero de todas as pessoas.



- É preciso construir uma relação de confiança entre profissional de saúde e usuário(a).
- As diferenças de cada indivíduo no que diz respeito à própria identidade só podem ser percebidas ao longo de um processo de interação entre o profissional de saúde e o(a) usuário(a).
- O atendimento à população trans demanda do profissional de saúde o engajamento em equipes multiprofissionais. A equipe multiprofissional, pela convergência de saberes e práticas que possibilita, pode com maior sucesso atender à complexidade das demandas trazidas por tais sujeitos.
- Tanto para travestis quanto para mulheres transexuais e homens trans, é de extrema importância o atendimento na atenção básica com acolhimento e informação adequados e, quando necessário, o encaminhamento à rede de atenção especializada para procedimentos de sua competência, garantindo, assim, uma atenção integral no SUS.

- Quando se fala da saúde das travestis, das mulheres transexuais e dos homens trans é comum que venham à mente questões relacionadas às práticas sexuais, tais como as doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS/Hepatites Virais. No entanto, a sexualidade é apenas um dos aspectos da vida e da saúde dessa população. É importante lembrar que estas pessoas são também acometidas por outras enfermidades como viroses, diabetes, hipertensão, entre outras.
- Travestis e mulheres transexuais, mesmo quando já realizaram modificações corporais e/ou cirurgias de redesignação sexual, têm indicação de realizar exames para prevenção de câncer de próstata. Já os homens trans podem necessitar de atendimento ginecológico, tanto de caráter preventivo, como para o tratamento de problemas habituais dessa especialidade.

Criar condições favoráveis às necessidades de saúde das travestis, das mulheres transexuais e dos homens trans significa romper resistências de usuários(as) e de profissionais de saúde, dentro e fora das unidades de saúde, por meio de ações como:



- Sensibilizar trabalhadores(as) da saúde para o cumprimento da determinação do uso do nome social nas unidades de saúde, ao chamar, atender, preencher os prontuários, etc.
- Incluir espaço específico para preenchimento do nome social e assegurar que ele fique em destaque em relação ao nome civil no sistema eletrônico, nos prontuários, exames e demais documentos da unidade de saúde.
- Fomentar uma cultura de respeito à diversidade e às expressões de gênero de modo que os(as) usuários(as) dentro da unidade de saúde sejam reconhecidos de acordo com sua identidade de gênero e, dessa forma, possam frequentar o banheiro indicado para o gênero com o qual se identificam.
- E, em caso de internação, que sejam alocados(as) em enfermarias compatíveis com sua identidade de gênero.

Uma das especificidades em saúde desta população refere-se às questões relacionadas às modificações corporais, seja pela demanda por tais procedimentos ou pela necessidade de lidar com problemas causados por eles. Portanto, é importante saber:

- Geralmente, os(as) usuários(as) chegam às unidades de saúde já tendo realizado algum procedimento de modificação corporal por conta própria, em condições pouco adequadas e na rede privada ou fora do país.
- Entre as travestis e mulheres transexuais são comuns o uso abusivo de hormônios femininos e a aplicação de silicone industrial em diversas partes do corpo realizadas por pessoas conhecidas como ‘bombadeiras’.
- Entre os homens trans, são comuns relatos de aquisição de testosterona (anabolizantes esteroides) em academias de ginástica e até mesmo o uso de hormônios masculinos de origem animal para uso veterinário. Também é possível ouvir de alguns homens trans relatos de danos ao tecido mamário e ao músculo peitoral pelo uso prolongado de faixas compressoras para disfarçar as mamas.

- Na rotina do trabalho, é possível, ainda, que o profissional se depare com casos de automutilação decorrente do intenso sofrimento do sujeito por ter um corpo com o qual não tem qualquer identificação, como tentativas de autoamputação do pênis ou dos testículos (no caso de mulheres transexuais) e até das mamas (no caso de homens trans).

PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SUS

Instituído pelas Portarias nº 1.707 e nº 457 de agosto de 2008 e ampliado pela **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013**, o Processo Transexualizador realizado pelo SUS garante o atendimento integral de saúde a pessoas trans, incluindo acolhimento e acesso com respeito aos serviços do SUS, desde o uso do nome social, passando pelo acesso à hormonioterapia, até a cirurgia de adequação do corpo biológico à identidade de gênero e social.

A linha de cuidado da atenção aos usuários e usuárias com demanda para a realização das ações no Processo Transexualizador é estruturada pelos seguintes componentes:

1 - **Atenção Básica:** é o componente da Rede de Atenção à Saúde (RAS) responsável pela coordenação do cuidado e por realizar a atenção contínua da população que está sob sua responsabilidade, adstrita, além de ser a porta de entrada prioritária do(a) usuário(a) na rede;

1.1 - As Unidades Básicas de Saúde devem realizar o acolhimento, o cuidado, o acompanhamento e, quando necessário, conforme identificação prévia de suas demandas, o encaminhamento aos serviços especializados no Processo Transexualizador (Atenção Especializada).

2 - **Atenção Especializada:** é um conjunto de diversos pontos de atenção com diferentes densidades tecnológicas para a realização de ações e serviços de urgência, ambulatorial especializado e hospitalar, apoiando e complementando os serviços da atenção básica de forma resolutiva e em tempo oportuno.

2.1 - Os serviços especializados no Processo Transexualizador (Atenção Especializada) devem realizar o acolhimento, o cuidado, o acompanhamento dos(as) usuários(as) com demanda no Processo Transexualizador, para realização de procedimentos ambulatoriais e/ou cirúrgicos, contemplados pela Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013.

O componente da Atenção Especializada no Processo Transexualizador inclui as seguintes modalidades:

- **Ambulatorial:** acompanhamento clínico, hormonioterapia e, quando for o caso, acompanhamento pré e pós-operatório.
- **Hospitalar:** realização de cirurgias e acompanhamento pré e pós-operatório.

É possível habilitar serviços somente em uma modalidade ou em ambas. Os serviços podem ser definidos conforme critérios dos gestores locais, não havendo mais a exigência para habilitação de que sejam implantados somente em hospitais universitários.

UNIDADES HABILITADAS

O SUS conta com cinco hospitais habilitados pelo Ministério da Saúde no Processo Transexualizador:

- Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás/Goiânia (GO).
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Hospital Universitário Pedro Ernesto/Rio de Janeiro (RJ).
- Hospital de Clínicas de Porto Alegre – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Porto Alegre (RS).
- Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina FMUSP/Fundação Faculdade de Medicina MECMPAS – São Paulo (SP); e
- Hospital das Clínicas/Universidade Federal de Pernambuco – Recife (PE).

Existem também na rede de saúde pública serviços ambulatoriais destinados ao atendimento de travestis e transexuais no Processo Transexualizador. São eles:

- Ambulatório do Centro de Referência e Testagem de DST/Aids – São Paulo (SP).

- Ambulatório AMTIGOS do Hospital das Clínicas de São Paulo – São Paulo (SP).
- Ambulatório da Universidade Federal de Uberlândia (MG).
- Centro de Pesquisa e Atendimento para Travestis e Transexuais de Curitiba (PR).
- Ambulatório para travestis e transexuais do Hospital Clementino Fraga – João Pessoa (PB).
- Ambulatório Transexualizador da Unidade de Referência Especializada em Doenças Infecciosas Parasitárias Especiais (UREDIFE) – Belém (PA).

“

Ainda que tais serviços tenham formatos diversos e ainda não estejam disponíveis em todas as regiões do país, eles têm como característica comum a atenção multiprofissional e trabalham articulados aos serviços de referência do Processo Transexualizador.

”

As cirurgias de redesignação sexual são esterilizantes e cabe ao profissional de saúde esclarecer àqueles(as) que desejam submeter-se à cirurgia, acerca deste efeito, bem como, na medida do possível, informar quanto aos recursos disponíveis para conservação de óvulos ou esperma, caso seja da vontade do(a) usuário(a) fazê-lo com vistas à reprodução assistida. Isto deve ocorrer porque as pessoas transexuais devem ter seus direitos reprodutivos respeitados.

Para outras informações sobre o Processo Transexualizador e a rede de atendimento acesse o site: www.saude.gov.br/saudelgbt



DISQUE SAÚDE
136
Ouvvidoria Geral do SUS
www.saude.gov.br



CUIDAR BEM DA SAÚDE DE CADA UM.
FAZ BEM PARA TODOS. FAZ BEM PARA O BRASIL.

Para saber mais, acesse www.saude.gov.br/saudelgbt

É o Governo Federal trabalhando para o Brasil avançar.



Ministério das
Mulheres, da Igualdade Racial
e dos Direitos Humanos

Ministério da
Saúde

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA